

Tratados pedagógicos para as famílias brasileiras: uma aliança entre a Igreja Católica e o campo médico na primeira metade do século XX

Evelyn de Almeida Orlando

Universidade Estadual do Rio de Janeiro - RJ, Brasil.

evelynorlando@gmail.com

Juliana Vital Abreu David

Universidade Estadual do Rio de Janeiro - RJ, Brasil.

vitaldv@hotmail.com



Educação: teoria e prática, Rio Claro, SP, Brasil - eISSN: 1981-8106

Está licenciada sob [Licença Creative Common](#)

Resumo

A aliança estabelecida entre a Igreja Católica e o campo médico, nas primeiras décadas do século XX, contribuiu para configurar projetos educativos endereçados às famílias através de manuais de orientação educacional que visavam assegurar, por diferentes caminhos, o governo da população brasileira. Este artigo busca analisar a representação desse tipo de impresso na sociedade brasileira a partir dos livros: “Noivos e Esposos: problemas do matrimônio”, do Monsenhor Álvaro Negromonte e a obra “Faça seu filho feliz: a higiene mental da criança e do adolescente”, do médico Fernando Magalhães Gomes. Esses livros tinham em comum a produção de um grupo social ativo na sociedade, instruído dentro dos liames do catolicismo e da Higiene Mental. O diálogo com autores como Chartier permitiu um esquadrinhamento dos livros, considerando o conteúdo veiculado e as estratégias retóricas (BOURDIEU, 2007) utilizadas, mas também as pistas e os sinais que deixados na sua materialidade fazem emergir sentidos e significados igualmente importantes para a leitura e análise desse tipo de fonte.

Palavras-chave: Educação das famílias. Igreja Católica. Campo médico.

Pedagogical treaties for brazilian families: an alliance between the Catholic Church and the medical field in the first half of the twentieth century

Abstract

The alliance between the Catholic Church and the medical field in the first decades of the twentieth century contributed to set up educational projects addressed to families through educational guidance manuals which aimed ensure, in different ways, the government of the Brazilian population. This paper analyzes the representation of such

printed production in Brazilian society from the books: "Nubents and Spouses: marriage troubles", by Monsignor Alvaro Negromonte and the book "Make your child happy: the mental hygiene of children and adolescents", by Fernando Magalhães Gomes, M.D. These books had in common the production of an active social group in society, educated within the bonds of Catholicism and Mental Hygiene. The dialogue with authors like Chartier allowed for scrutinizing the books, considering the transmitted content and rhetorical strategies (Bourdieu, 2007) used, but also the clues and signs left in its materiality emerge meanings equally important to the reading and analysis of this font.

Keywords: education. Catholic Church. Medical field.

Tratados pedagógicos para las familias brasileñas: una alianza entre la Iglesia Católica y el campo médico en la primera mitad del siglo XX

Resumen

La alianza establecida entre la Iglesia Católica y el campo médico, en las primeras décadas del siglo XX, contribuyó para configurar proyectos educativos direccionados a las familias a través de manuales de orientación educacional que tenían como objetivo asegurar, por diferentes caminos, el gobierno de la población brasileña. Este artículo busca analizar la representación de este tipo de impreso en la sociedad brasileña a partir de los libros: "Novios y Esposos: problemas del matrimonio", de Monseñor Álvaro Negromonte y la obra "Haga a su hijo feliz: la higiene mental del niño y del adolescente", del médico Fernando Magalhães Gomes. Estos libros tenían en común la producción de un grupo social activo en la sociedad, instruido dentro de los vínculos del catolicismo y de la Higiene Mental. El diálogo con autores como Chartier permitió un escudriñamiento de los libros, considerando el contenido vehiculado y las estrategias retóricas (BOURDIEU, 2007) utilizadas, así como las pistas y las señales que dejados en su materialidad hacen emerger sentidos y significados igualmente importantes para la lectura y análisis de ese tipo de fuente.

Palabras clave: Educación de las familias. Iglesia Católica. Campo médico.

1 Introdução

Em um cenário observado nas principais cidades brasileiras entre fins do século XIX e as primeiras décadas do século XX, marcado por um processo de modernização econômica e de urbanização crescente, observa-se o papel de relevo conferido à educação na promoção de novas formas de ordenação social. Neste contexto, embora a escola tenha sido alçada a um lugar privilegiado nos processos e práticas educacionais, podemos destacar que outros espaços e instâncias educativas foram

alvos de ações que tencionavam capacitá-las para exercer sua função de forma eficaz e satisfatória, como por exemplo, as famílias.

Dentre as várias formas de intervenção que se pôde observar, privilegiamos, neste trabalho, a produção de impressos pedagógicos, que tinham as famílias¹ como seus principais destinatários. Segmentos variados da sociedade compreendiam a importância dessa instituição como um dispositivo de governo através do qual muitas das medidas sociais seriam viabilizadas, como as questões sanitárias, econômicas, morais, culturais que vinham povoando os debates acerca da construção da nova nação. Os intelectuais envolvidos com o projeto educativo das famílias consideravam, entretanto, que, como toda instituição, esta também possuía modos de fazer e de se autogovernar próprios, o que lhe conferia relativa autonomia na dinâmica social, e tornava a tarefa de educá-las ainda mais imprescindível.

A prática de prescrever lições sobre modos de conduta e comportamentos foi largamente utilizada em diversas publicações de cunho pedagógico como manuais de civilidade, manuais médicos, textos literários², dentre outros. Esses impressos fizeram circular diferentes projetos que serviram para

¹ Os autores dos livros aqui analisados não fazem distinção em relação às famílias para as quais estão encaminhando seus discursos. Todavia, o fato de as mensagens utilizarem a via impressa, é indicativo de que há um leitor privilegiado que mobiliza bem os códigos da escrita. Nesse aspecto, poderia se pensar em uma família burguesa como leitora privilegiada das mensagens. Mas, já vem sendo discutido suficientemente que os caminhos que os livros percorrem entre o livreiro e o leitor extrapolam, e muito, aqueles idealizados por autor e editor. Além disso, ainda que os principais leitores tenham sido as famílias burguesas, Donzelot (1980) chama a atenção da função social atribuída à mulher burguesa de mediar a relação entre o campo médico, a Igreja e as mulheres mais pobres por meio da assistência. De um modo ou de outro, os discursos não deveriam ficar restritos a um único público ou a um perfil de família.

² Sobre manuais publicados por médicos e textos literários endereçados às famílias, os trabalhos de Magaldi (2003, 2005, 2007, 2008) fornecem importantes contribuições e permitem pensar em diferentes formas de intervenção que buscavam modelar as práticas familiares. O estudo de Cunha e Magaldi (2010) permite, ainda, perceber como o impresso foi utilizado com o objetivo de modelar comportamentos e afetos, mas, ao mesmo tempo, como o tipo de discurso se altera e incorpora as marcas do seu tempo. Se na virada do século XIX para o XX, quando a sociedade brasileira estava se organizando em torno da urbanidade e muitos dos códigos de civilidade eram observados nas formas polidas de sociabilidade, os manuais de civilidade tiveram grande relevo, primeiramente na educação das elites e, posteriormente, na vulgarização desses modos de conduta, a partir das primeiras décadas do XX, embasados em outra concepção de civilização a qual, segundo as autoras não se apoiava na questão das sociabilidades e dos comportamentos de base ornamental. A tônica daquele momento refletia a forte preocupação higiênica e moral traduzidas nas páginas de outro tipo de manual educativo voltado às famílias, que passa a emergir no mercado editorial, que são os manuais pedagógicos publicados por médicos, padres e mulheres literatas e professoras que, através da sua posição ou função social, se apresentavam como qualificadas para o exercício de educar. Ao mesmo tempo, é importante ressaltar que a emergência de um tipo de impresso não caracteriza a extinção de outro. É digna de nota a permanência da diversidade de manuais educativos na sociedade brasileira ao longo do século XX e seus diferentes usos na formação das famílias, principalmente das mães.

configurar as famílias, modelando e conformando-as como uma instância formativa fundamental, mesmo quando o acento da função educativa parecia ser direcionado da casa para a escola.

Os manuais que elegiam o espaço do lar como alvo privilegiado para sua destinação configuram uma importante documentação, ainda pouco explorada pela historiografia educacional. Segundo Cunha e Magaldi (2010, p.145),

[...] se as investigações voltadas para a instituição escolar têm resultado numa produção rica e multifacetada, que muito tem inspirado outras pesquisas e o ensino em história da educação, observa-se por outro lado, uma lacuna significativa em nosso campo, no que se refere aos estudos relativos à família e às intervenções educativas encaminhadas em sua direção e em seu interior.

Visando contribuir com os estudos voltados para os discursos e práticas de intervenção no espaço privado, focalizamos, neste artigo, os livros “Noivos e Esposos: problemas do matrimônio”, escrito pelo Monsenhor Álvaro Negromonte, e “Faça o Seu Filho Feliz – Higiene Mental da Criança e do Adolescente”, escrito pelo médico Fernando A. Magalhães Gomes. Através desses impressos buscamos observar quais discursos eram dirigidos às famílias, quais representações de família e de educação estavam presentes, assim como as estratégias utilizadas pelos autores para legitimar seus discursos e afirmar sua autoridade como *educadores das famílias*.

Este trabalho segue nessa direção e busca contribuir com as investigações acerca da educação das famílias brasileiras atentando para o uso que a Igreja Católica e o campo médico fizeram do impresso para educar a população.

2 Para Noivos e Esposos: a família como célula *mater* da sociedade

De uma maneira geral, os livros do Monsenhor Negromonte visavam sedimentar valores e comportamentos que, ao serem internalizados, promoveriam um novo *habitus*, impregnado de catolicidade nas famílias brasileiras, transformando-as, ao mesmo tempo, em suas importantes aliadas na formação do novo homem dentro e fora dos limites do lar. As estratégias discursivas do Monsenhor Álvaro Negromonte apareciam fundamentadas em um aparato teórico-científico que serviu para configurar uma Pedagogia católica entre as décadas de 30 e 60 do século XX, ancorada em lições de *saber e saber-fazer*.

O manual “Noivos e Esposos: problemas do matrimônio”, publicado pelo Monsenhor Álvaro Negromonte em 1948, pela editora José Olympio, chegou à oitava edição pela Rumo, em 1963³. Nesse manual, o esforço de Álvaro Negromonte consistiu em preparar e fortalecer a família para o exercício da educação dos filhos. Trata-se do primeiro volume de uma trilogia endereçada às famílias, e tinha o objetivo de estabelecer um modelo de família católica como a célula *mater* da sociedade; “O que fazer do seu filho” foi o segundo volume, publicado em 1955⁴ e “Corrija seu filho”, o terceiro e último volume, publicado em 1961 pela Rumo, visava proporcionar aos pais lições práticas para auxiliar na educação dos filhos.

Seguindo a tendência dos tratados pedagógicos, tal como assinala Carvalho (2006)⁵, a trilogia composta por Negromonte para as famílias adotam, metodologicamente, duas formas de se apresentar ao leitor. Em geral, a primeira parte da obra é destinada a firmar os princípios teóricos acerca da temática em questão; a segunda, mantém a teoria, mas é recheada de uma série de exemplos cotidianos, que servem para exercitar a reflexão conforme a doutrina da Igreja.

O livro *Noivos e Esposos* é, também, dividido em duas partes. Na primeira, o autor busca estabelecer com clareza a doutrina católica sobre alguns pontos basilares do matrimônio, por entender que estão sendo relidos pelas lentes da modernidade pelos próprios católicos. Na segunda, é destinado aos jovens que ainda não contraíram o matrimônio e que deveriam ser ensinados acerca da doutrina e dos conceitos mais básicos em relação ao casamento. Nessa parte, o esforço do padre está voltado para educar os noivos para a vida em comum, buscando corrigir e evitar tudo que a torne difícil. Para isso, a estratégia utilizada seria o aperfeiçoamento moral, através da educação do caráter e da formação das vontades.

As relações prescritas para os papéis a desempenhar na vida conjugal visavam não só a harmonia da família, mas da sociedade de uma maneira geral. De acordo com

³ Neste artigo utilizamos a sétima edição, publicada em 1961 pela Editora Rumo – uma Sociedade Anônima da qual o Monsenhor Negromonte foi um dos sócios fundadores e, juntamente com o seu sobrinho, com o mesmo número de cota, eram os sócios majoritários.

⁴ Esse manual foi reeditado em 1961 pela Editora Rumo, e seu título foi alterado para “A Educação dos Filhos”

⁵ Segundo a autora, a partir do século XIX, a concepção da Pedagogia como *arte de ensinar* sofreu um processo de corrosão que imprimiu ao impresso um novo formato, configurando-o em regras de repartição que articulam o discurso em duas grandes séries: a dos saberes-fundamentos e a de suas aplicações práticas (CARVALHO, 2006, p.168).

Goode (1970, p. 12, 13), “através da história, filósofos, reformadores e religiosos, bem como líderes seculares, têm estado, pelo menos implicitamente, atentos à importância dos padrões familiares como elemento central da estrutura social”.

A materialidade da obra remete a protocolos de leitura que indicam a disposição que o leitor deve ter diante, não da obra, mas da temática em questão. O livro em si, do ponto de vista material, se assemelha aos outros que o autor vinha publicando, inclusive os didáticos. A capa, em papel-cartão cinza, destaca o título da obra e indica o interesse do autor de chamar a atenção de um público alvo específico: os noivos e os casados (sem distinção quanto à confissão religiosa).

Do ponto de vista do conteúdo, a obra alude a uma ideia propagada na literatura feminina que é o amor romântico e conjugal, alvo de fortes censuras por parte da Igreja, inclusive do próprio autor. Não obstante, isso não o impediu de perceber pontos possíveis de apropriação e de articulação entre a modernidade e a tradição. O casamento que passou a se instituir com base no amor conjugal e no amor romântico a partir do século XIX mostrou-se eficaz por ser um projeto que integrava sexualidade e amor, criando uma esfera de parceria e cumplicidade entre o casal que servia para fortalecer a relação conjugal, basilar na representação da família nuclear burguesa.

O amor, até então,

No cotidiano, ou seja, no matrimônio, ele se justifica no serviço de orientação conjugal com os quais eram torpedeados os casais: “a primeira causa era a procriação e a educação dos filhos no temor a Deus. A segunda, é que o matrimônio se destinava a ser um remédio contra o pecado, um antídoto à fornicção. A terceira, ele deveria ser o instrumento de auxílio à mútua convivência, ajuda e conforto que um esposo prestasse ao outro”. Contudo, como demonstram os demógrafos, o sexo ilícito crescia no final do século XVIII ao mesmo tempo em que o casamento se tornava universal (DEL PRIORE, 2007, p. 132).

O projeto higiênico e moral, que se desencadeou a partir do século XIX, foi ao encontro dessa configuração que sustentava as relações conjugais e passou a articular em um mesmo projeto um ideal de amor que encerra, no espaço doméstico, o *bem-querer amistoso* e o amor dos versos e prosas que comprometia os corações do casal, tornando a relação entre eles cada vez mais indissolúvel.

Sem perder de vista essas causas primárias em torno do sacramento, a Igreja, gradativamente passou a aceitar e estimular o novo sentimento que ia ganhando

espaço cada vez maior na sociedade. Na passagem do século XIX para o XX, o amor vai além de uma ideia romântica. Ele passa a ser o cimento da relação. De acordo com Negromonte:

É o amor conjugal defesa e sustentáculo da fidelidade. Falamos do verdadeiro e não da paixão. Entre cristãos, falamos daquele amor que S. Paulo comparou ao de Cristo à sua Igreja (EF. 5,25), amor santificado pelo Sacramento, que une as almas, que identifica as duas vidas pondo-as em comum, que vem do íntimo 'afeto da alma', como diz a Encíclica [...] A paixão torna-se poligâmica, enquanto que o amor é pessoal: este se fixa na pessoa, aquela procura o sexo (NEGROMONTE, 1961, p. 78, 79).

Esse novo sentimento passa a ser fomentado pela Igreja por viabilizar a doutrina defendida em torno do casamento. Se a família deveria ser uma união indissolúvel entre homem e mulher, alguns enunciados ensinados pela Igreja, para o seu sustento, como a indissolubilidade, a fidelidade e o débito conjugal, seriam mais fáceis de cumprir se fossem estimulados pelo amor.

A indissolubilidade é, segundo o autor, o ambiente propício à felicidade dos cônjuges e indispensável à formação do homem. "O amor conjugal é, por natureza, exclusivo e absoluto. Não admite partilhas nem condições". Além disso, a indissolubilidade garante a formação dos filhos.

As qualidades do pai e da mãe se conjugam na estruturação moral do filho, como os seus elementos biológicos se uniram para a produção do corpo. Mas esta era possível por um ato transitório, ao passo que aquela exige tempo e esforço. Marido e mulher põem em comum instintos e sentimentos para a educação dos filhos, só realizável pela convergência das forças morais e psicológicas dos dois sexos, que se completam no matrimônio. De modo que só o casamento indissolúvel é o ambiente próprio à formação integral do homem (NEGROMONTE, 1961, p. 55).

A fidelidade é tratada pelo autor como o segundo bem do matrimônio, conforme a Encíclica *Castis Cannubis*. Tais preceitos dizem respeito ao caráter sagrado do sacramento, mas atendem à organização da vida cotidiana nos limites daquilo que, desde o século XIX, vinha se convencendo como ideal para a sociedade. A ideia da família como dispositivo da governamentalidade aparece na preocupação do padre com os chamados *motivos seculares* que ele elenca para se posicionar contra a poligamia e defender a ideia da monogamia como condição perfeita para o matrimônio. "A poligamia, embora não seja contrária aos princípios primeiros da lei natural, é inconveniente aos princípios secundários, comprometendo a união

doméstica, a educação dos filhos e repugnando à própria noção do amor conjugal” (NEGROMONTE, 1961, p.75).

O argumento em defesa da monogamia se sustenta em dois aspectos: a defesa da organização social e da valorização feminina. Esse último suporte lhe rende o apoio do grupo feminino, que vê no casamento monogâmico uma forma de se afirmar como sujeito, tendo o lar como o espaço que está sob sua jurisdição, ainda que a representação do governo da casa recaia na figura masculina.

Na prática, a mulher ganhou poder na esfera doméstica com possibilidades variadas de extrapolar os limites da casa. O exercício desse papel permitiu às mulheres, sobretudo das camadas mais privilegiadas da sociedade, maior mobilidade entre os mundos privado e público. Essa promoção da figura feminina fez da mulher uma grande aliada da Igreja em seus projetos de organização da sociedade pelos princípios cristãos. O discurso da Igreja se tornava atraente por viabilizar a elevação do *status* social que ela possuía.

Quem quiser ver na mulher a nobre companheira do homem, semelhante a ele, há de admitir o regime monogâmico único em que esta condição é possível. Inspiradora de invejas, fonte de desentendimento, provocadora de discórdias, a poligamia reduz a esposa a simples concubina, mero instrumento da concupiscência destituída daquela personalidade e daquela auréola que tem como rainha do lar estabelecido e cimentado na unidade (NEGROMONTE, 1961, p. 76).

Em busca da família monogâmica, Negromonte chama ambos os cônjuges à responsabilidade da fidelidade conjugal. A fabricação desse sentimento prescreveu um adestramento dos afetos, cerceados pela moral cristã que definia o amor como um sentimento que não estava desassociado do sexo, mas também não sobreviveria apenas por ele. A ideia de solidez que se configura com esse tipo de sentimento tem em vista manter a união familiar apesar de qualquer intempérie da vida. Assim, as possíveis ausências, os filhos e mesmo as traições de um dos cônjuges são dificuldades resultantes da convivência no casamento apontadas pelo autor, mas que podem ser administradas se levar em consideração a castidade conjugal.

Ao criar um novo vínculo social, o casamento produz uma representação de que as famílias passam a adquirir maior força. A prescrição de papéis no interior da família, o ajustamento conjugal, a indissolubilidade do casamento eram pontos que preocupavam os intelectuais da Igreja porque incidiam diretamente na trama social,

ora submetendo-se a ela, ora imprimindo suas marcas e contribuindo diretamente para a conformação da cultura nacional.

3 “Faça o seu filho feliz”: O discurso médico destinado aos pais

Se melhorarmos a mentalidade dos educadores – e nenhum educador sobreleva aos pais em importância e eficiência – é que daremos eficiente andamento à higiene mental, por que só através de pais bem preparados é que conseguiremos formar os homens do futuro (NEGROMONTE, 1951, p.3).

De acordo com Gondra (2004), a afirmação do campo médico se deu ao longo do século XIX, estendendo-se pelo século XX, quando os profissionais da área atuavam significativamente no sentido de promover ações em prol da saúde pública, em uma sociedade em que as doenças da população representavam um entrave para a consolidação de uma Nação moderna. No projeto reformador da escola, por exemplo, que ganhou corpo no referido período, observamos a presença de saberes e práticas relacionados ao movimento higienista. Com relação à escola, os saberes e práticas defendidos pelos higienistas ajudaram a configurar tempos, espaços e práticas escolares ao longo do século XIX e XX, com ações que não se restringiam aos muros da escola, mas, sim, objetivavam intervir no meio social e privado nos quais viviam as crianças.

O papel que o médico pediatra desenvolveu no espaço doméstico é fundamental para a compreensão dos projetos que orientaram as famílias no Brasil a partir do século XIX. Esse personagem exercia uma influência cada vez mais permanente no espaço doméstico, na medida em que acompanhava de forma constante o desenvolvimento infantil em suas diferentes fases. Assim, alguns pediatras dedicaram-se a ministrar seus conselhos também através de impressos, que objetivavam auxiliar os pais sobre a maneira adequada de cuidar e educar seus filhos, afirmando-se como voz autorizada e qualificada dentro do espaço doméstico.

O livro “Faça o Seu Filho Feliz – Higiene Mental da Criança e do Adolescente” foi escrito pelo médico pediatra Fernando A. Magalhães Gomes, com colaboração da educadora Helena Antipoff, se apresenta como um exemplo do discurso do campo médico dirigido às famílias. Publicado pela primeira vez em 1951, pela editora José

Olympio, a segunda edição foi em 1958, pela editora Itatiaia e a terceira, em 1962 pela editora Vigília, sendo as duas reedições revistas e ampliadas⁶.

O autor, Fernando A. Magalhães Gomes, formou-se em 1926 na faculdade de medicina do Rio de Janeiro e atuou como pediatra em Belo Horizonte, onde também foi presidente da Sociedade Mineira de Pediatria no ano de 1948 e, junto com a educadora Helena Antipoff⁷ e do padre Álvaro Negromonte, foi um dos fundadores da sociedade Pestalozzi, em 1932. Além disso, escreveu outros diversos livros e artigos sobre a educação das crianças, dedicando-se especialmente ao tema da Higiene Mental⁸.

A escolha dessa obra se deu pelas relações que podem ser observadas entre a religião e o discurso médico e, de forma especial, com o Padre Álvaro Negromonte, tendo em vista o prefácio feito pelo padre, mantido nas três edições, e a indicação de dois dos seus livros, dentre eles, *Noivos e Esposos* na lista de indicações de *livros que orientam para uma vida melhor – Série educativa*, sugerindo uma complementaridade nas leituras.

O fato de o prefácio ter sido escrito por um importante membro da Igreja, nos permite pensar que este autor possuía apoio dessa instituição, pelo menos do setor ao qual Álvaro Negromonte pertencia. Sobre Fernando Gomes, Negromonte diz:

O doutor Fernando Magalhães Gomes é dos mais autorizados a tratar do assunto [higiene mental] (...) Espírito formado nos luminosos princípios do catolicismo, sabe e proclama que a religião, longe de ser prejudicial à higiene mental, é para ela elemento da mais alta eficiência (NEGROMONTE, 1951, p.4).

O padre encerra o prefácio dando seu aval, recomendando a obra: “É um livro de orientação segura que as mães brasileiras podem compulsar com tranquilidade e proveito” (NEGROMONTE, 1951, p.4). Para Fernando Gomes a religião é apontada

⁶ Estes três volumes encontram-se presentes na Seção de Obras Gerais da Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro.

⁷ Educadora e psicóloga russa, foi assistente de Edouard Claparède, na França e assumiu a cadeira de Psicologia Educacional na Escola de Aperfeiçoamento de Professores de Minas Gerais e a direção do Laboratório de Psicologia da Escola de Aperfeiçoamento. Foi recepcionada por Lourenço Filho ao chegar ao Brasil e comungava com ele das fontes da Psicologia Moderna. Teve a chance de implementar, em Belo Horizonte, a prática da pesquisa experimental, através dos métodos de inquéritos e testes, desde 1929, ou seja, antes mesmo do Lourenço Filho fazê-lo no Instituto de Educação do Distrito Federal, método pelo qual diagnosticou a deficiência do ensino religioso. Fundou a Sociedade Pestalozzi de Minas Gerais e convidou o padre Álvaro Negromonte, um dos seus críticos à época, para ser o vice-presidente da instituição, aproximando-o das propostas pedagógicas ancoradas na Psicologia.

⁸ São exemplos dessas publicações: “Biotipologia infantil e pedagogia”, “Higiene Mental da criança”, “Infância anormal” e “Sei criar e educar meu filho” .

como a melhor formadora de bons hábitos mentais e o paradigma mais seguro para aqueles que desejam criar filhos saudáveis física e mentalmente. Esse diálogo entre o discurso da Igreja Católica e os ideais modernos e científicos da Higiene Mental, transmitidos às famílias, nos traz indícios importantes sobre a maneira como a Igreja Católica se apropriava de tais conhecimentos, relacionando-os às suas determinações fundamentais. Estudos historiográficos recentes têm apontado para o fato de que a relação entre modernidade e tradição, no âmbito da Igreja Católica, se deu com objetivo de assegurar o campo doutrinário da Igreja, em um momento que os paradigmas científicos e modernos ganhavam destaque. Por outro lado, a ciência, neste caso específico, a Medicina, também desejava se legitimar e, para isso, buscava aproximação com a Igreja Católica, no intuito de se afirmar em uma sociedade em que a religião ocupava um espaço significativo.

Como o próprio título indica, a Higiene Mental é o principal foco dos conselhos do médico Fernando Magalhães Gomes, para quem a soma entre os cuidados com a puericultura e uma educação baseada nos princípios da Higiene Mental resultaria na perfeita saúde mental, ou seja, na formação de homens sociáveis. Porém, segundo o autor, os pais se dedicavam mais aos cuidados com a saúde física, através da puericultura. Em uma crítica a essa preocupação exclusiva com a questão da saúde do corpo, o autor provoca: “Que felicidade pode gozar um indivíduo belo, forte, corado, todo músculos mas que tem maus hábitos, é insociável, irritado, tímido, ou pessimista, enfim um neurótico, um doente mental?” (GOMES, 1951, p. 16).

É possível observar que a família era considerada um importante agente socializador que, ao inculcar determinadas formas de agir e pensar, auxiliaria na formação dos hábitos desejados por meio do autocontrole das atitudes e emoções. Segundo Elias (1994), alcançar o autocontrole faz parte do “processo civilizador individual”, sendo este inserido em um projeto civilizador mais amplo.

A remodelação do indivíduo durante o crescimento, o processo civilizador individual em cujo decurso ele se desloca do ponto de partida do comportamento infantil, que é o mesmo em toda parte, para se aproximar mais ou menos do padrão de civilização atingido por sua sociedade, torna-se mais difícil e demorado (ELIAS, 1994, p.104).

A infância, segundo Fernando Magalhães Gomes, é a idade mais importante em termos de educação, sendo considerada “uma idade plástica por excelência”, por isso,

deveriam ser evitados os erros na educação que poderiam influenciar o resto da vida do indivíduo. O cuidado para que “maus hábitos” não fossem implantados era imprescindível, pois, “cada golpe neste ferro em brasa amorfo - a mente infantil - pode deformá-lo para sempre, ao invés de facetá-lo em uma harmonia de formas que compõe a obra prima de um artista” (GOMES, 1951, p.66).

Era comum a concepção, compartilhada pelos médicos, da criança como uma entidade amorfa. Sendo assim, os primeiros anos de vida seriam imprescindíveis para moldar o caráter e as condutas daqueles que viriam a ser os adultos do futuro. Era necessário, nesse período da vida, que os pais disciplinassem o corpo e a alma das crianças e atuassem no sentido de prevenir o surgimento de maus hábitos⁹. Neste sentido da prevenção, as noções de Higiene Mental foram de grande valia para os higienistas, que tinham por intuito uma educação integral física, moral e intelectual dos pequenos indivíduos.

É comum no livro a noção de que falhas durante a educação da criança pudessem acarretar na constituição de um adulto *desajustado*, que, conseqüentemente, não contribuiria para o bem estar social. Como, por exemplo, nos trechos: “As crianças mimadas, escorraçadas ou tímidas serão os futuros esquisitões, nervosos, violentos ou criminosos, que, além de infelizes, irão constituir um obstáculo para o bem da sociedade” (GOMES, 1951, p.54). Nesse aspecto, é possível, mais uma vez, o diálogo com Elias (1994), para pensarmos na educação das famílias como sendo parte de um projeto mais amplo de sociedade, que demandava a formação de indivíduos comprometidos com a modernização e progresso da Nação.

Os conselhos são ministrados de maneira a exaltar a função do pediatra, ressaltando que este profissional é imprescindível na função de auxiliar aos pais na criação dos seus filhos, tornando-se indispensável não só para indicar tratamento médico, mas também para orientar os pais quanto aos métodos pedagógicos.

Ao mesmo tempo em que destaca a importância do profissional, o pediatra atesta a incapacidade dos leigos educarem de forma satisfatória, pois no ambiente familiar,

[...] via de regra, são todos nervosos e, as vezes, presos à rotina. Por mais que se esclareça a importância da Higiene Mental, ora o pai, ora a mãe, ou

⁹ Esta concepção de infância pode ser observada como uma tendência expressiva dos discursos médicos, analisados, por exemplo, nos estudos de Gondra (2004) e Magaldi (2007).

um dos parentes, continua persistindo nos mesmos erros educacionais, agravando, num círculo vicioso, as tendências doentias, para a eclosão dos inúmeros e complexos sintomas nervosos (GOMES, 1951, p.126).

O autor condenava as práticas dos pais que agiam de forma instintiva a respeito da educação de seus filhos, para ele, ainda que o amor materno seja fundamental para o desenvolvimento normal da criança, “os carinhos exagerados são os maiores obstáculos à evolução afetiva” (GOMES, 1951, p. 126). Ou seja, a atitude dos pais perante aos filhos deveria possuir certo rigor, evitando exageros muitas vezes praticados pelo impulso.

O livro é dotado de diversas prescrições sobre como os pais devem agir frente às características diversas de seus filhos, buscando compreender o que é normal e corrigir os maus hábitos que devem ser evitados para o desenvolvimento mental saudável dessas crianças. Um novo vocabulário técnico-científico passou a fazer parte da rotina dos educadores, que deveriam saber reconhecer e enquadrar as crianças conforme as características relativas à sua personalidade e caráter. O livro “Faça o seu filho feliz”(1951), constrói uma classificação minuciosa das crianças situando, por exemplo: as crianças birrentas, mentirosas, turbulentas, vadias, egoístas, felizes, sociáveis, líderes etc. Esse esforço pela caracterização e enquadramento dos alunos, segundo Jorge do Ó (2006), fez parte de um processo de individualização que ocorreu com a emergência de uma psicologia aplicada à educação, como efeito de um paradigma moderno, para o qual tornava-se necessário o conhecimento detalhado dos educandos, imprescindível para o sucesso da educação.

Outro aspecto interessante a ser observado na obra de Fernando Gomes é o fato de que, por muitas vezes, ele se dirige especificamente às mães que, como aponta o autor, têm mais tempo para dedicar-se à educação de seus filhos e, além disso, possuem especificidades importantes para o exercício da maternidade. É possível observar o que o autor considera uma postura própria para as mães, em trechos como esse: “Com uma carícia e a voz suave a mãe consegue, quase sempre, que a criança se deite” (GOMES, 1951, p. 86). Tal estratégia remeteria a um caráter de exemplaridade a ser seguido pelas leitoras do livro e reforça a ideia de uma aliança médico – mulher, afirmando a importância da *maternidade científica*.

A ideia de estabelecer uma *maternidade científica*¹⁰ parece, por vezes, ambígua, pois ao mesmo tempo em que coloca a maternidade como uma função sublime a ser exercida pela mulher, posta como uma vocação, tira delas a possibilidade de sozinhas, saberem como agir. Mas ainda assim, teve importância significativa na consolidação de um novo papel social da mulher.

A ideologia da maternidade científica significou para as mulheres um reforço à sua condição de mãe, transformando a maternidade em profissão feminina, objeto de formação técnica específica. Como a prática da maternidade nesses novos moldes exigia inserção no universo científico, esse aspecto a aproximava do mundo masculino racional, deslocando-a da esfera estritamente doméstica e lhe conferindo novo *status* (FREIRE, 2006, p.50).

Sobre a complexa relação que se estabeleceu entre médicos e mulheres, Freire (2006) observa a adesão dos saberes científicos como uma estratégia feminina, na qual as mulheres “embebidas na atmosfera de busca de progresso e modernidade, possivelmente enxergaram, na adesão à ideia da primazia da ciência como guia de comportamento, um caminho conveniente na tentativa de alcançar uma transformação no seu lugar na sociedade”¹¹ (FREIRE, 2006, p. 51). No entanto, mesmo que tenha sido como parte de uma estratégia, a maternidade passou a se configurar como principal papel social da mulher, que era vista como sinônimo de dedicação aos filhos e à família, noção que se perpetuou por muito tempo em nossa sociedade. Nesse sentido, a entrada da mulher no mundo do trabalho era criticada, pois causaria um esvaziamento da função natural da mulher¹². Seria, sobretudo, desempenhando funções como magistério e enfermagem que as mulheres iriam poder trabalhar sem comprometer sua função de mãe, visto que tais profissões representariam uma extensão da maternidade.

Ao demarcar o papel da mulher como sendo naturalmente o de mãe, e, ao propor que estas se qualificassem e obtivessem conhecimentos minuciosos sobre essa função, é possível pensar que a infância também assumiu nova visibilidade nesse

¹⁰ Freire (2006) apoia-se no conceito de maternidade científica da americana Rima Apple.

¹¹ Ao analisar a aliança médico – mulher, Maria Martha Freire (2006) aponta para a afinidade entre os interesses dos médicos e das mulheres, se opondo à ótica de pesquisas históricas, como as de Costa (1999), que atestam uma posição passiva/submissa das mulheres nesse contexto.

¹² É importante destacar que, já naquele período, algumas vertentes do movimento feminista no Brasil, procuravam desvincular o papel da mulher do de mãe e esposa.

contexto, por se considerar que a criança necessitava de uma educação que ia além do *instinto materno*, mas eficaz na formação de um indivíduo educado e saudável, que pudesse, posteriormente, contribuir para o crescimento da nação. Assim, foram se diferenciando os contornos das crianças e dos adultos, destacando suas características psicológicas, comportamentos, hábitos e atitudes.

A intervenção dos médicos junto às famílias através da publicação de impressos, bem como através de outras ações, pode ser compreendida como uma forma de conduzir a vida dos indivíduos de maneira eficaz e afinada com os ideais de progresso e modernidade postos na sociedade brasileira no período correspondente ao final do século XIX e início do XX. Assim, torna-se possível compreender as ações veiculadas em direção às famílias, relacionado-as com a noção de governamentalidade posta por Foucault (1979), segundo a qual se considera que, além do Estado, múltiplos agentes e instituições exercem funções de governo, buscando direcionar as condutas de um determinado grupo. A família, considerada uma unidade social básica, passa a ocupar, segundo essa visão, um papel central no encaminhamento de estratégias junto à sociedade.

Através da obra “Faça o seu filho feliz – a Higiene Mental da criança e do adolescente” torna-se possível evidenciar a importância conferida à produção e propagação desses saberes educativos na época da publicação do livro. Nele, observamos que sujeitos, representantes de instituições e grupos de intelectuais diversificados, estabeleceram relações em prol da temática educativa. No livro estão expressas vozes de um representante da Igreja Católica, representada pelo Padre Álvaro Negromonte; vozes relacionadas ao movimento escolanovista, representado pela educadora Helena Antipoff; além da figura do próprio autor, representando o campo da medicina. Essas relações nos permitem dialogar com concepções historiográficas recentes, que atentam para o fato de que os diversos campos de saberes, mobilizados em prol da causa educacional, não devem ser considerados como diametralmente opostos entre si, devendo ser consideradas as nuances presentes entre eles e as formas de imbricamento que fazem com que os saberes produzidos atravessem os diferentes discursos educativos.

4 Considerações Finais

Apreender de que maneira e com qual intensidade os cônjuges e os pais se apropriaram dos ensinamentos transmitidos nas obras aqui analisadas, e como aplicaram no espaço do lar os conselhos do Monsenhor Álvaro Negromonte e do pediatra Fernando A. Magalhães Gomes é uma tarefa que este trabalho não vem responder. Na família as apropriações dessas leituras não são facilmente verificáveis, por se tratar de uma instância privada, na qual os indivíduos estabelecem relações que, na maioria das vezes, ficam restritas ao âmbito doméstico, demandando novas fontes e objetos que possam nos permitir maior aproximação das dinâmicas estabelecidas em seu interior.

Ainda assim, os livros aqui analisados “Noivos e Esposos: problemas do matrimônio” e “Faça o Seu Filho Feliz – Higiene Mental da Criança e do Adolescente”, escrito sobre a tríade: Higiene Mental, puericultura e educação, se apresentam como objetos interessantes para pensarmos no tema do discurso especializado dedicado às famílias, atentando para as prescrições destinadas a elas, e considerando as estratégias utilizadas tanto pela Igreja quanto pelo campo médico em suas práticas educativas voltadas para a sociedade.

Se os impressos aqui analisados subentendem um público leitor mais culto e privilegiado socialmente, ao mesmo tempo isso não significa que esse mesmo discurso não alcançasse outros segmentos da sociedade, uma vez que as mulheres dessas camadas sociais eram estimuladas ao trabalho filantrópico, como aponta Donzelot (1980).

Este trabalho buscou observar nos discursos dirigidos às famílias pela Igreja e pelos médicos, a partir de um representante expressivo de cada campo - a saber, o Monsenhor Álvaro Negromonte e o médico, Fernando Magalhães Gomes - quais as representações de família e de educação estavam presentes em seus textos, assim como as estratégias utilizadas pelos autores para legitimar seus discursos e afirmar sua autoridade como educadores das famílias.

Nesse sentido, pode-se afirmar, a partir da leitura desses dois manuais, que, tanto a Igreja Católica quanto o campo médico empreenderam ações no sentido de educar as famílias. O ponto de convergência entre os discursos aqui analisados é o da civilização. Os enunciados pedagógicos de ambos os campos convergiam para a

civilização dos costumes, a partir da doutrinação de valores e instauração de hábitos que buscavam a construção de uma sociedade higiênica, moral e cristã. Pela autoridade da Igreja ou do campo científico, os valores civilizatórios ganhavam espaço na cena educacional e adentravam os lares das famílias brasileiras chancelando novos valores, modos de conduta e disciplinarizando corpos e espíritos na direção de um ideal de família que se aproximava, cada vez mais, do estereótipo da família burguesa.

Referências

CARVALHO, M.M.C. de. Livros e revistas para professores: configuração material do impresso e circulação internacional de modelos pedagógicos. In: PINTASSILGO, J. et al. (Orgs.). **História da escola em Portugal e no Brasil: circulação e apropriação de modelos culturais**. Lisboa: Colibri, 2006. p. 141-173.

CHARTIER, R. **A Ordem dos Livros**. Brasília: UNB, 1994.

CUNHA, M.T.S.; MAGALDI, AM.B de M. Lições para mães e família: um estudo sobre manuais educativos na sociedade brasileira entre fins do século XIX e as primeiras décadas do século XX. In: MENDONÇA, A.W. (Org.). **História e Educação – Dialogando com as fontes**. Rio de Janeiro: Forma & Ação, 2010. p. 145-178.

DEL PRIORE, M. Pequena História de Amor Conjugal no Ocidente moderno. **Estudos de Religião**, São Bernardo do Campo, SP: Metodista, Ano XXI, v.21, n.33, p.121-135, Jul./Dez. 2007. Disponível em: <https://www.metodista.br/revistas/revistas-ims/index.php/.../201> Acesso em: 6 out. 2012.

DONZELOT, J. **A Polícia das Famílias**. Rio de Janeiro: Graal, 1980.

ELIAS, N. **O Processo Civilizador**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editora, 1990. Vol. 1.

ELIAS, N. **A Sociedade dos Indivíduos**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1994.
FOUCAULT, M. **Microfísica do Poder**. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1979.

FREIRE, M.M. de L. **Mulheres, mães e médicos: Discurso maternalista em revistas femininas (Rio de Janeiro e São Paulo, década de 1920)**. Rio de Janeiro: FIOCRUZ, 2006.

GOMES, F.A.M. **Faça o seu filho feliz** – A Higiene Mental da criança e do adolescente. Rio de Janeiro: Editora José Olympio, 1951.

GOODE, W.J. **A família**. Tradução: Antônio Augusto Arantes Neto. São Paulo: Livraria Pioneira Editora, 1970.

GONDRA, J.G. **Artes de civilizar**: medicina, higiene e educação escolar na Corte Imperial. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2004.

MAGALDI, A.M.B. de M. A quem cabe educar? Notas sobre as relações entre a esfera pública e a privada nos debates educacionais dos anos 1920-1930. **Revista Brasileira de História da Educação**, Campinas, v. 3, n. 5, p. 213-231, jan/jun. 2003.

MAGALDI, A.M.B. de M. Receitas de civilização: a aliança médico-mulher e a educação da família brasileira na Primeira República. **Saúde, Sexo e Educação**, Rio de Janeiro: IBMR, v.36, p. 6-17, 2005.

MAGALDI, A.M.B. de M. **Lições de casa**: discursos pedagógicos destinados à família no Brasil. Belo Horizonte: Argumentum, 2007.

MAGALDI, A.M.B. de M. Crônica feminina: sobre o lugar da mulher e de sua educação no periódico católico *A Ordem* (anos 1930). In: _____; XAVIER, L.N. (Orgs.). **Impressos e História da Educação**: usos e destinos. Rio de Janeiro: 7Letras, 2008. p. 111-126.

NEGROMONTE, Á. In: GOMES, Fernando A. Magalhães. **Faça o seu filho feliz** – A Higiene Mental da criança e do adolescente. Rio de Janeiro: Editora José Olympio, 1951. p.2-4.

NEGROMONTE, Á. **Noivos e Esposos** (problemas do matrimônio). 7ed., Rio de Janeiro: Edições Rumo, 1961.

Ó, J.R. do. A criança transformada em aluno: A emergência da psico - pedagogia moderna e os cenários de subjetivação dos escolares a partir do último quartel do século XIX. In: SOMMER, L.H.; BUJES, M. I. (Orgs.). **Educação e cultura contemporânea**. Canoas: Editora da ULBRA, 2006. p. 281-304.

Enviado em Julho/2013
Aprovado em Junho/2014